

# Cinema e escola: uma breve história inacabada

Cinema and school: a brief unfinished history

Cine y escuela: una breve historia inconclusa

---

EDUARDO DE OLIVEIRA BELLEZA<sup>1</sup>

**RESUMO:** A relação entre cinema e escola tem uma história de pelo menos dois séculos. Nosso objetivo com este trabalho é explorar especificamente o momento em que esta relação se estreita. Alguns estudos recentes apontam um pouco do que se tem feito e pensado sobre as potências do audiovisual em relação às potências do cotidiano escolar. Por fim, apresentamos quatro iniciativas que consideramos bons exemplos da relação cinema-escola e dos desafios que esse encontro produz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; educação; cotidiano escolar.

**ABSTRACT:** The cinema and school relationship dates back at least two centuries. We aim to explore when it becomes closely intertwined with the school environment. Recent researches recount the advancements and considerations regarding the influential power of audiovisual media concerning the potential of everyday school life. Finally, we present four initiatives that exemplify the cinema-school relationship and the challenges that arise from this intersection.

**KEYWORDS:** Cinema; education; school life.

**RESUMEN:** La relación entre el cine y la escuela abarca al menos dos siglos. Nuestro objetivo principal es resaltar el momento en que esta relación se estrecha. Algunos trabajos

1. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

recientes presentan un panorama de lo que se ha realizado y reflexionado en cuanto al potencial del audiovisual en relación con la vida cotidiana de la escuela. Por último, presentamos cuatro iniciativas que consideramos buenos ejemplos de esta relación, así como los desafíos que surgen de este encuentro.

PALABRAS CLAVE: Cine; educación; vida escolar.

#### PASSOS INICIAIS

Cinema e educação escolar no Brasil são uma conjugação que já acumula alguns anos de história. Esse percurso (desde 1937) teve início com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em que o cinema era principalmente utilizado como recurso de comunicação – um instrumento fundamental da propaganda política governamental. Faz sentido pensarmos que as exibições de cinema na escola na década de 30, e certamente até bem recente (final da década de 70), estivesse em uma relação mais direta com a propaganda e a defesa dos ideais governistas. Naquele momento, o cinema era uma ferramenta do getulismo, encabeçada pelo ministro Gustavo Capanema, sob a direção de Edgar Roquette-Pinto. A função do INCE era a de documentar, por meio de filmes, as manifestações culturais, científicas, cívicas e a História do Brasil, para difundi-las na rede escolar de ensino primário e secundário (PEREIRA, 2021, p. 3), ou seja, trata-se de um cinema distante da ideia de criar ou inventar outras formas de pensamento, e mais próximo de compreendê-lo como um mecanismo de controle.

O salto para a década de 1990 nos é fortuito pois entendemos que, a partir desse momento, há uma alteração significativa do cinema em relação com a escola de educação básica. O doutorado de Cristina Bruzzo, por exemplo, defendido em 1995 e orientado pelo professor e pesquisador de cinema Milton Almeida, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é um desses trabalhos brasileiros no qual o cinema na escola ganha outros contornos possíveis. Na tese *O cinema na escola: o professor, um espectador* (BRUZZO, 1995), a preocupação com a formação de educadores para a utilização de filmes em sala de aula já apontava uma necessidade a ser encarada de modo mais aprofundado, pelo acesso a outros tipos de filmes e pela construção de outras formas de relação com eles.

Havia uma espécie de preocupação com os educadores, uma vez que se exigia um aprofundamento do olhar sobre as imagens. A pergunta central da pesquisa de Bruzzo foi: “Afiml quais são as informações necessárias para iniciar o professor no exame das imagens em movimento?” (BRUZZO, 1995, p. 120). Essa questão se

desdobrou em duas ações complementares: 1) tornar o educador um espectador crítico de cinema, de modo que se possa 2) inventar outras formas das imagens participarem do cotidiano de produção de conhecimento na escola. No cerne destas questões, encontram-se as particularidades de uma conjunção em torno de um trabalho cuidadoso e uma empreitada inovadora para a época: “Entender o cinema como resultado de um processo de criação específico, com características específicas é um grande passo. O filme é ‘algo em si.’” (BRUZZO, 1995, p. 131).

Em outro trabalho, mas nessa mesma esteira, a coletânea intitulada *Lições com Cinema*, coordenado por Cristina Bruzzo e Antônio Rebouças Falcão (1993), reuniu diferentes pesquisadores interessados na relação do cinema com a escola. Ali, os trabalhos evidenciavam especificidades não só do ato cinematográfico, mas também da televisão e do vídeo, considerados outras linguagens emergentes. São visualidades atuantes na composição das subjetividades, uma espécie de eixo fundamental no processo de entendimento das relações educacionais com o audiovisual.

Observarmos que esses textos assumem o audiovisual como uma forma de perturbação da educação tradicional – tradição entendida como transferência de valores (SAVIANI, 2005). O cinema aparece como uma espécie de ruído sobre a tradicional forma de ensinar. Algo que vai exigir também mais formação para os professores, uma vez que o trabalho com as imagens passou a confrontar metodologias já muito arraigadas na escola de educação básica.

É possível encontrarmos, por exemplo, no artigo de Marília da Silva Franco, uma *Análise da natureza pedagógica das linguagens audiovisuais* (FRANCO, 1993), com um olhar acerca da desnaturalização da imagem como ilustração, apontando a necessidade de um processo mais crítico e delicado com elas. Assume-se o professor “como espectador especializado que terá autoridade para se fazer intérprete das linguagens audiovisuais.” (FRANCO, 1993, p. 30). O trabalho dessa autora aponta a necessidade de estudar e aprofundar filmes e leituras específicos para trabalhar com cinema na educação, forçando o educador e a educadora a buscarem um conjunto de filmes que geralmente não se encontram tão acessíveis. Não basta mais ser só um *apaixonado* por filmes. Levar o cinema para escola envolve estudo e dedicação em assistir filmes fora do padrão.

Outras questões vão aprofundando o assunto, uma delas é: como trabalhar o rigor científico e a autenticidade para que o cinema na escola ultrapasse a relação de somente lazer com função de passar o tempo? Antônio Penalves Rocha, em *O filme: um recurso didático no ensino da história?* (ROCHA, 1993), sugeriu mais

compromisso com o método e a postura científica na composição do cinema e o ensino de história na escola: “[...] frequentemente o filme histórico é mais repleto de informações sobre a época em que foi realizado do que o tema que tratou”. (ROCHA, 1993, p. 82). Rocha (1993) destacou a importância dessa arte para o professor de História, que, assim como o historiador, deve estar atento aos processos que se produzem em meio a sua época. Ele que é um autor ligado às formas de produção do fato histórico e, sobretudo, interessado no ensino de História, indagando sobre as possibilidades de pensar os distintos modos de produção dos filmes, segundo as condições materiais e imateriais de sua época, dando ênfase também às formas históricas de produção de sentidos. O autor faz eco a tantos outros trabalhos que, desde Marc Ferro (1977) (teórico da famosa Escola nos Annales) até Marcos Napolitano (2003), indica a importância do filme como documento da História.

Ao abordar *O filme como elemento de socialização na escola* (FERRETTI, 1993), Celso João Ferretti sugeriu que filmes são instrumentos de produção de alteridade. O cinema ganha outros percursos, mais ligados à socialização e à interação com as diferenças dentro da escola. Segundo ele, trata-se de um “processo pelo qual pessoas aprendem novos conhecimentos, formas de ser, agir e pensar, convenções, gestos, habilidades etc.” (FERRETTI, 1993, p. 109). Assim, o trabalho com filmes na escola pode gerar atravessamentos para diversas questões sociais e emocionais, acionando outros modos de ver e de se pensar no mundo. Isso é especialmente interessante quando partimos da relação espectador-imagens, focando nos modos como se atribuem certos significados e não outros. Com alegria, Ferretti faz do professor mais um espectador (articulador) na sala escura, mais um envolvido pela trama de imagens e sentidos. Algo que pode indicar uma espécie de tensão positiva no universo escolar, dado que o educador, por vezes, é aquele que se vale de sua posição na hierarquia escolar, como forma de controle sobre o que e como se aprende.

O cinema é entendido como aquele que pode quebrar algumas hierarquias na relação professor-aluno. O filme aparece como um agente externo, capaz de planificar as relações, gerar múltiplas sensações e permitir que trocas aconteçam:

Quando um professor escolhe um filme a partir de seus parâmetros e de seus objetivos e o exhibe, seu controle dos efeitos desse filme sobre os alunos, apesar de planejado, é relativo, porque a obra cinematográfica, como produção artística e em função da sua própria linguagem, dirige-se às emoções, à fantasia, à afetividade. (FERRETTI, 1993, p. 122).

Outro texto fundamental para esta discussão é de longe um dos mais contundentes de sua época, *Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral* (ALMEIDA, 1993), de Milton José de Almeida. Aqui, encontramos uma crítica mais demorada acerca dos processos de produção audiovisual na constituição de uma cultura de massa. Marcada pela oralidade como forma primordial de relação com o mundo, grande parte da sociedade não estaria apta a pensar com as imagens. O autor afirma a necessidade de aquisição de conhecimentos variados no campo das artes visuais (repertório conceitual e imagético). É necessário que o espectador saia da condição de mero receptor das imagens, passando a ser um criador de pensamentos a partir delas. Ele critica o chamado cinema de massa do ponto de vista de uma educação cultural com as imagens, o que chamou de um olhar “menos ingênuo” sobre as imagens. Mais um trabalho que aponta para uma exigência de formação de educadores, sugerindo estudos dirigidos sobre a teoria das imagens.

Isso é algo importante não só para educadores, mas principalmente para os gestores de políticas públicas em educação, para que não se esqueçam da importância de se ter subsídio e formação continuada no trabalho docente com cinema na escola. É necessário que os filmes e os estudos teóricos sobre o assunto tomem a escola como um todo. Ao tratar da divisão entre um cinema mais intelectualizado e um cinema feito para as massas, o texto de Milton instala uma pergunta cara à relação do cinema com a educação: “como distinguir uns [filmes] dos outros?” (ALMEIDA, 1993, p. 147). Tal provocação convoca um trabalho teórico-imagético complexo, ou seja, é preciso mais do que ser um espectador-professor interessado em utilizar o cinema na escola, é preciso contato e tempo com diversas/outras imagens.

Assim, Almeida (1993) nos chama a atenção para uma relação íntima e de estudo com as imagens – não só um mero espectador, mas um crítico de cinema. Escolher filmes para exibí-los a um público escolar, iniciar uma conversa que não tem como foco somente a informação e fazer do cinema mais do que ilustração de conteúdo são tarefas que merecem cuidado e investimento teórico. O tom desses escritos parece marcar um momento importante da relação cinema-escola, em que a universidade vem como aporte de conhecimentos científicos, de formação docente, indicando outras possibilidades mais próximas do cinema como arte. Um outro passo importante é o entendimento do filme como elemento central do que era entendido como cinema para aquele momento. O filme como o principal agente que permite que o trabalho pedagógico possa acontecer.

Artigos como esses passaram a compor o rol de estudos do cinema como arte na escola. Consideravelmente, podemos entender esse momento como fundamental para a expansão de pesquisas acadêmicas nesse campo de pesquisa. Ainda muito dependente da universidade como local de produção e difusão de conhecimentos, a relação cinema-escola é motivada por grupos de pesquisa imersos no universo acadêmico. Os efeitos desses passos desdobraram-se em um aprofundamento teórico, que, no final dos anos 90 e início dos 2000, somaram esforços às várias vezes que ecoavam na grande área da educação escolar. Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Duarte (2009), Teixeira e Lopes (2003) e Napolitano (2003). Algo que diz respeito às diversas pesquisas em território nacional, mas não só, efervescendo parcerias internacionais também. Realçamos a aproximação com o trabalho de Alain Bergala (2008), na França, que influenciou pesquisas no Brasil e indicou outros rumos para a relação cinema-escola, tornando-se talvez a referência mais importante para esse campo de estudos.

#### O TRABALHO DE ALAIN BERGALA: A ESCOLA EXPERIMENTANDO FAZER CINEMA

Alain Bergala, diretor e crítico de filmes, atua também como professor na Universidade de Paris III e foi um dos responsáveis por desenvolver um projeto de educação artística e de ação cultural na França, nos anos 2000. Encorajado na época pelo Ministro da Cultura, Jack Lang<sup>2</sup>, Bergala teve a tarefa de introduzir a arte na escola por meio do cinema. Desenvolveu seu projeto durante cinco anos, período em que pôde vivenciar o encontro de grandes mudanças estéticas e sociais que passaram a compor o universo de pesquisa e trabalho com a produção de imagens, tais como: 1) a chegada do DVD de forma mais popularizada — “possibilitando ao espectador “ver ‘um pedaço’ do filme, aquele que se tem vontade de ver essa noite, e talvez um outro amanhã”” (BERGALA, 2008, p. 22); 2) a concentração de redes de distribuição e de exibição (o que inflou o mercado e a concorrência cinematográfica), levando cada vez mais pessoas às salas de cinema sob a relação de consumo e lucro; 3) o momento de passagem do analógico para o digital e as novas formas de produção e exibição. Essa fase certamente foi importante nas fronteiras do campo

2. Foi Ministro da Cultura de François Mitterrand, em 1981, lançou as bases do renascimento da indústria cinematográfica francesa, com um modelo de forte intervenção do Estado, bem como a *Fête de la Musique* que ocorre em 21 de junho, quando qualquer pessoa ou grupo musical sai às ruas à noite para tocar algum instrumento e comemorar a chegada do verão.

cinematográfico com o público, ao qual a escola não poderia estar alheia, sendo ela também um espaço de constante experimentação e pensamento da arte.

A *hipothèse-cinema* (BERGALA, 2008), desenvolvida por esse autor em sua obra principal, tratou de pensar e apostar no cinema como uma prática para além de seus usos habituais na educação (como ilustração de conteúdos), entendendo-o como possibilidade de perturbação e desordem do já sabido por meio da prática cinematográfica, algo que implicou com mais força a produção de imagens dentro da escola. Nessa perspectiva, um outro elemento juntava-se à trama das pesquisas mais ou menos pontuais: “pensar o filme como a marca de um gesto de criação” (BERGALA, 2008, p. 34). O fazer cinema apareceu como um diferencial central naquele momento. Isso passou a abrir portas para uma outra relação com as imagens.

Aqui no Brasil, o trabalho de Bergala (2008) se encontrou com o de Adriana Fresquet. A autora de *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica dentro e “fora” da escola* (FRESQUET, 2013) assinalou uma virada importante na trajetória do cinema com a escola brasileira. O vínculo dessa pesquisadora com o projeto Cinema Para Aprender e Desaprender (CINEAD) e a escola de cinema do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) inspirou parcerias para outros escritos e produções audiovisuais diversas, dos quais se pode destacar o método minuto Lumière<sup>3</sup>, como exercício de chegada da gramática audiovisual para o público escolar.

Entre tantos outros exercícios de criação que passavam a fazer parte de uma nova potência estava a produção cinematográfica como viés de transformação das possibilidades de arte na escola. Diversos festivais do minuto<sup>4</sup> passaram a proliferar pelo país. Realizar filmes curtos e passar um bom tempo conversando sobre eles – como porta de entrada em outros estilos e outros diretores, ou seja, outra relação com o cinema – passou a dar ensejo a outras maneiras de trabalho e pesquisa com cinema na escola.

Como avanço, as primeiras traduções do livro de Bergala para o português, *A hipótese cinema* (2008), abriram novos caminhos às pesquisas no ambiente escolar, visto que essa obra encarava o público escolar não só como receptor, mas, sobretudo, como produtor de imagens e pensamentos.

Alinhado a isso, em meados de 2009, a convite das professoras Inês Assunção de Castro Teixeira (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) e Milene de

3. Aos moldes dos irmãos Lumière, filmar, com a câmera parada, um minuto em plano-sequência.

4. O Festival do Minuto acontece no Brasil desde 1991, aos poucos foi incorporando amadores, universitários e o público escolar, ele se baseia no método de produção dos irmãos Lumière da França do fim do XIX.

Cássia Silveira Gusmão (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB), diversos pesquisadores e professores teceram os primeiros fios da Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual – Rede Kino, cuja proposta é ser interpessoal e interinstitucional e, ao ampliar o debate sobre a temática do cinema e/com a educação escolar, viria a estabelecer novas relações de pesquisa e experimentação, criando um mosaico costurado em comunhão com universidades (nacionais e internacionais), comunidades de ação popular e habitantes da escola de educação básica. Em nível internacional, essa rede passou a convergir e disparar diversos trabalhos, ideias, parcerias e problemas para serem pensados, encontrando-se anualmente na cinematográfica cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais (Brasil), para a realização de um evento que se tornou a marca consagrada para o cinema e a educação: a Mostra de Cinema de Outro Preto (CineOP)<sup>5</sup>.

Na crista dessa onda, há duas dissertações de mestrado que buscaram pensar o encontro da escola com o cinema. Janaína Pires Garcia (2010) e Gisela Pascale Leite (2012) estudavam a escola de cinema do CAp da UFRJ nos seus vários projetos. Assim, lançavam-se à aventura de perceber o que já estava acontecendo e como seria possível repensar a relação entre cinema e arte, de forma estrangeira às condições hegemônicas de ensino, em uma relação de produção de sentidos, como uma questão de conhecimento, poder e cultura inerentes à construção de um currículo contemporâneo.

Na mesma linha de frente, Regina Barra (2015) desenvolveu seu doutorado nesse e em outros Colégios de Aplicação do país, evidenciando essa instituição como local de produção de saberes que serviriam a outras pesquisas, dando ênfase ao CINEAD e aos modos de ver e produzir imagens no contexto escolar. Somavam-se às trilhas abertas por Bruzzo e Almeida outras pesquisas, caminhos e novas descobertas. A relação com o digital e com as possibilidades de tornar alunos e professores realizadores de cinema produziram novas paisagens e, conseqüentemente, abriram outras/novas questões desafiadoras, por exemplo: o que é esse cinema que a escola produz? É cinema?

O sonho de ampliar a experiência com professores e alunos na Cinemateca do Rio de Janeiro resultou no projeto A Escola vai ao Cinema (FASSANELO, 2013), em parceria com o Museu de Arte Moderna (MAM), organizado a partir de visitas e atividades com escolas públicas que também serviram como empirismo do projeto de mestrado de Marina Tarnowski Fasanello (2013). Nele, pensou-se o museu

5. A mostra se tornou vitrine para muitas produções de cinema em diversas escolas de educação básica.



como uma extensão da escola, na medida em que dele se ocupava o público escolar. Ao mesmo tempo, servia como espaço diferenciado e distinto, propiciando aos alunos e alunas uma estranheza e um potencial de criação diante de imagens que carregavam outras versões da arte e de espaço escolar. Estar no Museu e na escola contaminados por ambos resultava no repensar dos espaços de arte e a necessidade de *sair da caixinha* para buscar outros ares. Parece-nos uma interessante maneira de pensar como podemos nos valer desses mutualismos entre os espaços de arte, tão distintos e ao mesmo tempo específicos em seus contextos espaciais.

As possibilidades de um cinema vivido, tanto pelo ato de assistir filmes quanto em sua produção audiovisual, encontraram bases férteis na escola, e já não era mais possível freá-lo. A escola, por sua vez, perturbada pelas imagens e forçada a compor com elas outros saberes possíveis, vem sendo (desde os anos 2000, pelo menos) ainda mais confrontada pela arte, tendo que se reinventar para que possa existir dentro dela um cinema inacabado. Interpretamos isso como um processo que vem ocorrendo por meio de produções várias (em múltiplas linguagens e, sobretudo, pelo audiovisual), que desassossegam os ambientes estabelecidos por uma educação tradicional, conectadas em meio a um inextricável labirinto de subjetividades produtoras, atravessadas por forças criadoras em meio a uma sociedade que passa a (se) pensar como rede, difusa em sua historicidade, ativa e múltipla em suas maneiras de funcionar, arriscada do ponto de vista das ligações e dos contágios que é capaz de produzir.

#### QUATRO INICIATIVAS ENVOLVENDO CINEMA E EDUCAÇÃO

Desse aglomerado de linhas e forças, decidimos destacar algumas iniciativas que, nos últimos dez anos, vêm se comunicando, contagiando e agenciando diversos projetos com cinema e educação. A primeira delas trata-se do projeto *Inventar com a Diferença* (2014), desenvolvido pelo Prof. Dr. Cezar Migliorin junto de outros pesquisadores (Isaac Pipano, Luiz Garcia, India Mara Martins, Alexandre Guerreiro, Clarissa Nanchery e Frederico Benevides).

Visando oferecer formação e acompanhamento para educadores e educadoras de escolas públicas em nível nacional, a iniciativa aposta em produções audiovisuais em torno da temática do cinema e dos direitos humanos. A força do projeto se concentra em criar processos com cinema que possam contribuir para a

experimentação na escola. A principal metodologia são os diversos dispositivos de criação<sup>6</sup> acionados nesse trabalho: filme-carta, minuto, filme-haícaí, entre outros.

Invenções, descobertas, conceitos e dúvidas acerca deste projeto podem ser consultadas em dois materiais: 1) o livro *Inevitavelmente cinema – educação, política e mafuá* (MIGLIORIN, 2015); e 2) *Cadernos do inventar: cinema, educação e direitos humanos* (MIGLIORIN, 2016).

Um alcance importante dos resultados das experimentações com os dispositivos é justamente pensar o quanto os direitos humanos podem emergir numa prática com cinema, na medida em que, ao se valer da arte como forma de intervenção/invenção no mundo, necessariamente se enche de potência de criação de mundo, de direitos, de noções de humano e não humano. O processo acontece na relação entre o fazer e o pensar. O audiovisual é entendido como gesto criador, e isso funciona como condição para pensar os direitos humanos nas escolas, uma vez que: “todo estudante é capaz de fazer cinema. Ou seja, é capaz de atuar criativa e criticamente com a câmera; é capaz de receber e inventar um mundo.” (MIGLIORIN, 2015, p. 12).

É no gesto de criação, portanto, que algo como o direito de existir – a imagem, inclusive – surge, afeta e cria mundos. É sobre as coisas serem inventadas que esse trabalho se propõe. Isso é maravilhoso, pois propõe a ação como viés criador, ou seja, o mundo é uma criação, e o cinema, uma forma de criar o/no mundo.

A segunda iniciativa que destacamos é a Lei 13.006/14, do senador Cristovam Buarque, que estabelece a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica em todo o país, por, no mínimo, duas horas mensais. A proposta tem origem no Projeto de Lei nº 185 de 2008, que incidia o cinema como arte na escola, incorporando-se à Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esse percurso foi relevante para uma articulação mais ordenada do ponto de vista jurídico, envolvendo cinema, educação e política pública. Longe de se consolidar como cultura na escola, tal lei vem passando por um longo e necessário processo de regulamentação. No intento de se fazer da forma mais democrática desejável, vem sendo pensada em universidades, escolas, instituições diversas, comunidade civil, Ministério da Educação e Ministério da Cultura, em um amplo processo de debate e experimentação, implicando-se entender como fazer dela um meio de fermentar ainda mais o cinema (não só o nacional) e a educação básica.

6. Como estratégia narrativa capaz de produzir acontecimento na imagem e no mundo.

Na prática, essa lei tem o potencial de, por exemplo, permitir a relação entre produtores de cinema nacional e a formação de público para as obras cinematográficas. A escola passa a ser um lugar de fomento para o gosto e a crítica do cinema brasileiro, algo que parece interessar aos dois lados (ao cinema e à escola), mas que necessita de um tratamento ainda mais adequado às especificidades do ambiente escolar, entendido como espaço de formação e criação humana (de saberes), e não apenas como potencial mercado consumidor imagético.

Alguns projetos interessantes têm florescido. A exemplo disso podemos citar a mostra Trakinagem<sup>7</sup>. Originado em Uberlândia (MG), pelo Prof. Dr. Cristiano Barbosa, o trabalho visa explorar o potencial criativo de crianças e jovens em contexto escolar, possibilitando que eles experimentem com a câmera outras formas de estar e se relacionar com o mundo. Além de professor de educação básica, Cristiano também é cineasta, produtor de curtas e agenciador de encontros com cinema. Assim, a mostra fomenta, articula e promove conexões entre as potências do cotidiano escolar com a linguagem audiovisual. Essa e tantas outras mostras de cinema funcionam como aglutinadores de um acervo crescente de imagens, sons, ideias e palavras.

Um bom exemplo desse acervo é a terceira iniciativa que vale a pena destacarmos: o livro *Cinema e educação: a Lei 13.006*, organizado por Adriana Fresquet (2015). O material concentra pesquisas realizadas com projetos de alcance nacional e internacional, em produções diversas e públicos distintos. Tendo em vista tal lei, os riscos, os anseios e as potências da relação cinema e educação fazem convergir escritos e imagens que inventam, aprofundam e tencionam questões contundentes, em uma sociedade marcada pela presença latente do audiovisual na formação de si e do mundo. Algumas delas podem ser consultadas já na introdução da obra:

Que filmes? Que formas de exibição? Que engajamento dos professores e da comunidade? Que formas de acesso às obras? Como regulamentar a Lei? Há filmes com tecnologias assistivas que permitam sua acessibilidade a professores e estudantes cegos e surdos? Como engajar outros atores – Ancine, Secretaria do Audiovisual, secretarias de educação, MEC? Quem custeará as ações? E, sobretudo, o que esperar dessa relação do cinema com a educação? (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 4).

7. <https://www.youtube.com/@TrakinagemCine>

Acreditamos que tais questões são fundamentais para o momento atual da relação cinema e escola, um novo tempo em que se produzem conjunções mais criativas e desafios políticos com o uso das imagens nos espaços escolares. Político no sentido de relação, de tensão e possibilidades de novos caminhos. São questões oriundas de experimentações audiovisuais que servem para pensarmos a inserção da lei e os benefícios e desafios que ela pode gerar para a escola, tornando-a mais atual, ativa e democrática. Além de dar um bom panorama da relação cinema e educação, o livro de Fresquet é rico em propor conceitos e pensamentos em torno da linguagem audiovisual com o universo escolar.

A quarta e última iniciativa é o *Programa Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica*, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, São Paulo, desenvolvido em parceria com o Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) na FE da Unicamp. O programa é uma iniciativa do poder público municipal para criar parcerias com a universidade em torno da formação de cineclubes nas escolas da rede municipal da cidade, na formação de professores, na constituição de acervos audiovisuais e na organização de festivais de cinema.

Iniciado em 2016, este programa aplicou-se em duas direções distintas e complementares. A primeira foi formar professores, monitores e gestores da educação municipal, em um curso de oito meses, ministrado por pesquisadores e interessados em cinema no Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas, orientado para capacitar profissionais de ensino engajados com cinema na escola. Em um curso de cinema organizado em sete módulos<sup>8</sup>, investiu-se numa metodologia que visava assistir trechos de filmes nacionais, produzir imagens em contexto escolar e conversar sobre elas. Criou-se, assim, um movimento muito especial para tentar formar pessoas que pudessem disseminar e articular saberes na escola. Muitos dos primeiros participantes desse programa passaram a produzir filmes, escrever artigos em conjunto com a universidade, realizando pesquisas de mestrado e doutorado, tomando suas próprias decisões quanto as estratégias de produção de cinema na escola.

A segunda direção desse programa – e talvez a mais desafiadora – foi a realização de oficinas em escolas, buscando criar cineclubes produtores de filmes a partir daquilo que as próprias escolas teriam a oferecer enquanto potência de criação.

8. i) O cinema na escola e suas especificidades; ii) Cineclubismo e comunidade de cinema e educação; iii) Os equipamentos e a realização da exibição cinematográfica; iv) Criação, organização e sustentabilidade de um cineclube; vi) Construindo dispositivos de criação; e vii) Acesso e circulação de filmes e experiências (redes e plataformas).

Em suas mais híbridas formas de invenção local, acentuou-se a arte como força de (des)arranjos, de fôlego aos esgotados modos de vida escolarizada e a busca pela abertura de diferentes conexões com as imagens.

O projeto amadureceu, ganhou outras escolas e, até a data de produção deste artigo, segue firme como uma referência do cinema na escola na cidade de Campinas. Já alcança a VIII mostra de cinema estudantil, exibindo produções de diversos gêneros cinematográficos, com temáticas engajadas politicamente, articulando gestores, docentes, discentes e pesquisadores interessados em cinema na escola.

Além da mostra, a rede de educação municipal organizou dois livros, contendo o registro de muitas das experiências com o cinema nas escolas de Campinas. São eles: *Cadernos de dispositivos da educação infantil* (OLIVEIRA, 2022) e *Entre-Telas: cinemas nas escolas* (CAMPINAS, 2021). Ambos os materiais são uma espécie de raio-X daquilo que se tem feito e pensado com cinema nas escolas municipais. Trata-se de um conjunto de imagens e escritos extraordinário para fervilhar o desejo de experimentação com cinema, e que tem um alcance importante na formação de educadores, uma vez que contribui para que os docentes possam ter referências do trabalho com cinema na escola de educação básica, inspirando e fornecendo metodologias.

Há que se considerar também os trabalhos atuais do grupo de pesquisadores liderados pelo Prof. Dr. Cesar Leite (Unesp-Rio Claro), em que a conjunção cinema e infância tem servido de referência para a produção audiovisual de universos muito específicos, como é o caso das crianças e docentes da educação infantil. No hall de suas pesquisas podemos encontrar pensamentos em torno do cinema como prática de uma educação a partir da emancipação (LEITE, 2013).

Vale a pena destacarmos também os trabalhos de Nilda Alves (UERJ) e de seu grupo de pesquisas *Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons*. Por ali, o conjunto dos trabalhos tem concentrado esforços em pesquisar os diversos usos do cinema no cotidiano escolar – como artefato cultural que se transforma em artefato curricular –, produzindo o que a autora chamou de *conhecimentossignificações*, evidenciando as potências do cinema com o currículo escolar (ALVES *et al.*, 2023).

## CONSIDERAÇÕES

Essas quatro iniciativas são apenas um recorte da relação cinema e educação no Brasil mais atual. De alguma forma, esse recorte é também uma forma de concentrar na relação das imagens com a escola, o que nos permite dizer que aqui foi apresentada

uma espécie de linha do tempo para mostrar, de maneira geral, como escola e cinema se encontram. Nela, pode-se perceber os educadores sendo deslocados do lugar de mero espectadores, para produtores de cinema. Há outras linhas sendo traçadas, outros encontros sendo gestados. Cinema e escola já têm um tempo de história, algo que foi se realizando ora mais como controle, ora mais como ilustração didática dos diversos assuntos do currículo escolar, alcançando ares mais criativos e experimentais com as imagens. A certeza é a de que hoje em dia passaram a existir mais possibilidades de invenção audiovisual, e isso segue contagiando tanto os cinemas quanto as escolas.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral. In: FALCÃO, Antônio Rebouças; BRUZZO, Cristina. **Coletânea lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1993.
- ALVES, Nilda; MENDONÇA, R. H.; TOJA, N. O. O cinema nos currículos cotidianos nas/das/ com as escolas: uma história sem fim. In: FRESQUET, Adriana; ALVARENGA, Clarisse. (Org.). **Cinema e educação digital**: a lei 14.533. 1. ed. 2023, v. 1, p. 136-.
- BARRA, Regina Ferreira. **Cinema e educação**: narrativas de experiências docentes em colégios de aplicação. 2015. 226 f. Tese (Doutorado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro da escola. Rio de Janeiro: Booking, 2008.
- BRUZZO, Cristina. **O cinema na escola**: o professor, um espectador. 1995. 196 f. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 1995.
- CAMPINAS, Prefeitura Municipal de. **Entre telas**: cinemas nas escolas / Secretaria Municipal de Educação; Programa Cinema e Educação. – Campinas, SP: Prefeitura Municipal de Campinas-SP, 2021.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FASANELLO, Marina Tarnowski. **Cinema, literatura oral e pedagogia da criação**: reflexões a partir do projeto “A escola vai à cinemateca do MAM”. 2013. 159 f. Tese (Doutorado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- FERRO, Marc. **Cinéma et histoire**. Paris: Denöel, 1977
- FERRETTI, Celso João. O filme como elemento de socialização na escola. In: FALCÃO, Antônio Rebouças; BRUZZO, Cristina. **Coletânea lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1993.
- FRANCO, Marília da Silva. Uma análise da natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: FALCÃO, Antônio Rebouças; BRUZZO, Cristina. **Coletânea lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1993.
- GARCIA, Janaina Pires. **Reflexões sobre currículo e linguagem a partir de uma experiência da Escola de Cinema no CAP/UFRJ**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- LEITE, César Donizetti Pereira. Cinema, Educação e Infância: Fronteiras entre Educação e Emancipação. **Revista Fermentario**, v. 2, n. 7, 2013.

- LEITE, Gisela Pascale de Camargo. **Linguagem cinematográfica no currículo da educação básica**: uma experiência de introdução ao cinema na escola. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.
- MIGLIORIN, Cezar; FRESQUET, Adriana. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana; ALVARENGA, Clarisse. (Org.). **Cinema e Educação**: a lei 13.006. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.
- MIGLIORIN, Cezar *et al.* **Cadernos do inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Ilustrações Fabiana Egrejas. Niterói (RJ): EDG, 2016.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- OLIVEIRA, Juliana Pereira da Silva *et al.* (Org.). **Cadernos de dispositivos de cinema na Educação Infantil**. Campinas: Secretaria Municipal de Educação; Programa Cinema e Educação, 2022.
- PEREIRA, Lara R. A criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo na Era Vargas. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-14, 2021
- ROCHA, Antônio Penalves. O filme: um recurso didático no ensino da história? In: FALCÃO, Antônio Rebouças; BRUZZO, Cristina. **Coletânea lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1993.
- SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2415100>. p. 1-38. Acessado em: 02 de fevereiro de 2024.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

#### REFERÊNCIAS FÍLMICAS

EDUARDO Coutinho, 7 de outubro. Direção de Carlos Nader. São Paulo: Já Filmes, 2013.

#### SOBRE O AUTOR

**Eduardo de Oliveira Belleza** é professor efetivo na rede pública de educação básica do Estado de São Paulo. Atualmente afastado para realização de pós-doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp. Concentra estudos na relação entre a disciplina de Projeto de Vida na escola e o cinema documentário de Eduardo Coutinho. Atualmente está também como professor ligado a Unità Campinas-SP. *E-mail*: [eduardodeoliveirabelleza@yahoo.com.br](mailto:eduardodeoliveirabelleza@yahoo.com.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8778-7867>.

*Recebido em 15 de fevereiro de 2024 e aprovado em 30 de março de 2024.*